

Percepção e cotidiano humano na era da conectividade: sobre a falta de paciência e (suposta) falta de tempo

ANTONIO MENDES DA SILVA FILHO*

50

"We are what we repeatedly do. Excellence, then, is not an act, but a habit."
Aristóteles

Qual o cotidiano das pessoas? A atual sociedade depende cada vez mais da tecnologia. A tecnologia tem propiciado uma miríade maneiras de acessos a informações, compartilhamentos e comunicação. Por exemplo, a tecnologia permite qualquer pessoa comunicar-se com outra em qualquer instante e em qualquer lugar. Essa comunicação pode se dar apenas por voz e numa vídeo-chamada. Também, os sistemas de comunicações (Internet incluída) permitem qualquer cidadão manter-se informado do que acontece em qualquer parte do mundo. Não obstante, a Internet provê acesso a enorme gama de informações para qualquer usuário a partir de um computador, *tablet*, *smarphone* e outros *gadgets*. Notavelmente, nunca em qualquer outra época da história tiveram os seres humanos tamanho uso de seus sentidos e, mais especificamente, a visão humana. Mas, até onde vai a percepção humana? Este artigo, sem a pretensão de ser completo, explora caminhos que possam trazer resposta a esta questão [1], [2], [3] e [4].¹



* ANTONIO MENDES DA SILVA FILHO é Professor e consultor em área de tecnologia da informação e comunicação; Doutor em Ciência da Computação (UFPE) e autor dos livros *Custo de Software: Planejamento e Gestão*, *Introdução a Programação Orientada a Objetos*, *Arquitetura de Software* e *Programando com XML*, todos pela Editora Campus/Elsevier.

¹ [1] *Intelecto Humano: Liderança Requer Compromisso e Compleição*, disponível em <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/13040/6859>

[2] *Por que projetos falham?*, disponível em <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/24092/13130>

[3] *Criatividade em ação: dados, determinação e desejo na tomada de decisão e solução de problemas*, disponível em <http://www.espacoacademico.com.br/081/81amsf.htm>

[4] *O valor da criatividade no ambiente corporativo*, disponível em <http://www.espacoacademico.com.br/051/51silvafilho.htm>

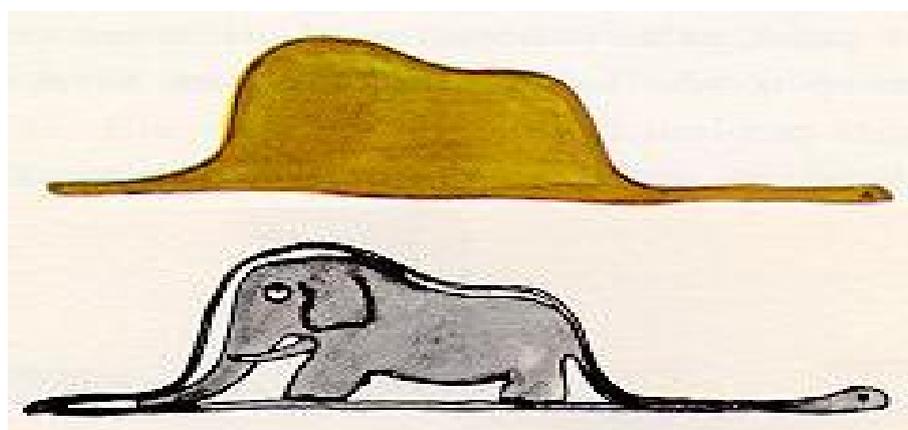


Figura 1

Na primeira página do primeiro capítulo do famoso livro “O Pequeno Príncipe” de Antoine de Saint Exupéry, há um diálogo entre uma criança e um adulto, quando então um desenho (ilustrado na Figura 1) é apresentada ao adulto. E, questionado sobre o significado do desenho, o adulto diz que se trata simplesmente de “um chapéu” enquanto que a criança fica espantada com a percepção do adulto, comentando que ele (adulto) nada entende e, logo em seguida, diz que é “um elefante dentro de uma serpente”. Pra quem ainda não leu o livro, trata-se de fato de um elefante dentro de uma serpente.

Interessante observar a diferença de percepção dos dois personagens. Exemplos parecidos acontecem no dia-a-dia das pessoas pelo fato do ser humano

procurar, de imediato, identificar ou tentar reconhecer um objeto ou qualquer outra coisa.

Interessante destacar que o ser humano, quando já adulto, faz uso de sua memória (ou, mais especificamente, de sua memória de longo prazo) que contém informações das experiências por ele vivenciadas. Esse recurso é usado por você quando, por exemplo, observa um objeto, um rosto de uma pessoa ou uma paisagem conhecida. Isto compreende a *cognição humana*, que é o processo pelo qual processamos uma informação (de entrada proveniente do ambiente externo) ou tomamos conhecimento das coisas. Em outras palavras, trata-se do modo pelo qual se dar processamento de informação e aquisição do conhecimento. Isto inclui

atividades de compreensão, memorização, raciocínio, atenção e também criatividade.

Mas, por que um adulto não percebe o elefante dentro da serpente?

Porque, como no personagem do livro, ao capturar uma nova imagem, um adulto faz uso de informações do ambiente e de seu conhecimento prévio já armazenado em sua memória. Portanto, a imagem do chapéu é a primeira que lhe é recuperada da memória (Trata-se de um conhecimento previamente armazenado).

Por outro lado, uma criança tem uma percepção, desprovida do processo de construção 'daquilo' que ela vê, simplesmente, observa e detecta um objeto e o percebe como é. Pode-se dizer que ***a criança é exercita sua percepção de maneira aguçada e da forma mais natural e sem pressa, pois há contemplação.*** Isso, em parte responde ao questionamento feito. Todavia, o sentido da visão e natureza humanas também contribuem para essa percepção como discutido a seguir.

Visão humana – um sentido com percepção (quase) imediata

Você bem sabe que um dos sentidos pelo qual o ser humano rápida e imediatamente percebe o mundo ao seu redor é a visão. Trata-se de um sentido 'mestre' que capta imagens daquilo diante dele. Muitos podem ou parecem até acreditar que o simples fato de ver ou de ter acesso implica na compreensão 'daquilo' diante dele. Mas, simplesmente, ver ou ter acesso resulta em compreensão ou percepção correto daquilo que se ver? Ter acesso a informação implica em aprendizagem?

Agora, tente colocar-se no lugar daquela criança, quiçá o 'pequeno príncipe' (que conseguiu perceber um elefante dentro de uma serpente) e observe a imagem da Figura 2. Procure entender se a imagem da Figura 2. O que você ver?

Consegue descobrir algo na imagem ou qualquer informação?

Ou será simplesmente um conjunto de regiões pretas aleatoriamente distribuídas na imagem?

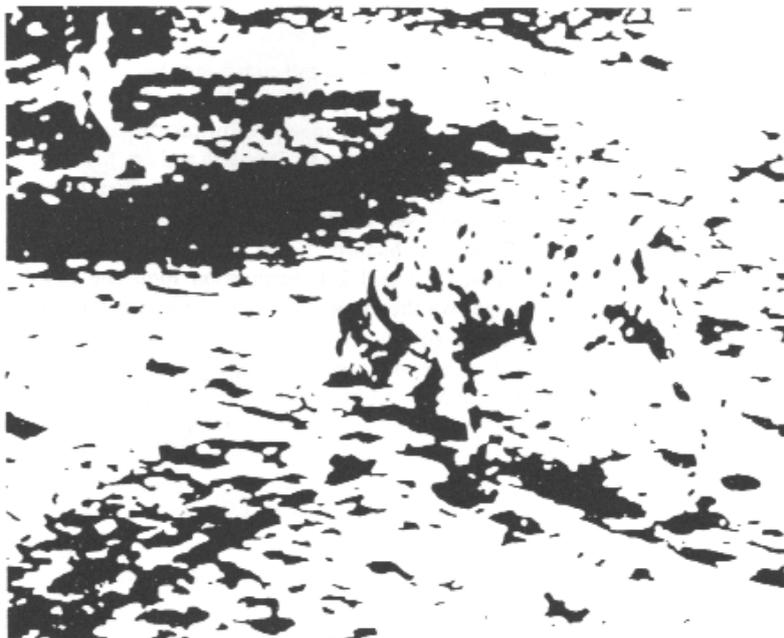


Figura 2

Se nada conseguiu perceber, não se preocupe, você realmente conseguiu colocar-se no lugar de uma criança (desprovida de qualquer conhecimento prévio). Por outro lado, se percebeu um dalmata no lado esquerdo da imagem, então você fez uso de seu conhecimento prévio para reconhecer a imagem (ou objeto) diante de você.

Mas, por acaso o ser humano é um ser paciente?

Diante do fato que hoje em dia as pessoas têm conectividade de qualquer lugar e a qualquer instante, podendo elas terem acesso facilmente a qualquer informação, eu me arriscaria a dizer que maioria da população tem paciência limitada. Suspeito que, muitos até (equivocadamente) pensam que pelo fato de terem acesso a informação já tem sua compreensão e conhecimento dela. Mas, o fato de ter acesso a informação e dela está prontamente acessível (ou disponível) à visão humana não acarreta que ela tenha sido corretamente compreendida ou aprendida e se tornado conhecimento.

Especificamente, agora, no processo de compreensão e aprendizagem ou na educação de uma maneira geral, o que permite transformar acesso em aprendizagem é o treinamento e tempo dedicado para compreender e exercitar o objeto de estudo. E, por ser um estudo, ele requer atenção e tempo. Se demanda tempo, é de suma importância a desaceleração no processo de compreensão para que haja atenção e se evite a distração. Diante de uma desconhecida situação ou de um desconhecido objeto, o que pode ajudar na percepção, compreensão ou aprendizagem é seu estudo por meio de atenção imersiva, desaceleração e tempo

dedicado (para estudar e exercitar o objeto de estudo).

E, o que faz o ser humano com seu tempo na era da conectividade?

Antes de tentar responder, cabe destacar os seguintes dados: em julho deste ano, a população brasileira atingiu 202,7 milhões de habitantes enquanto que a população mundial superou 7.2 bilhões de habitantes. Atualmente, a Internet tem aproximadamente 3 bilhões de usuários. No Brasil, em junho/2014, 58% dos brasileiros tinham acesso à Internet, além do número de celulares em agosto de 2014 ter atingido um total 277,4 milhões, superando a população brasileira. O que esses dados sugerem? Acesso a muitas informações e outros recursos, possivelmente, fontes de desatenção (se não bem gerenciadas).

Enquanto a tecnologia e uma miríade de *gadgets* atraem atenção humana com estímulos variados aos sentidos humanos e momentos de diversão, simultaneamente, tudo isso provoca distração e falta de atenção. A compreensão e percepção melhor de um objeto ou situação desconhecida, em ocasião de necessidade profissional, aprendizado ou pessoal, pode se dar apenas quando há contemplação, quando há atenção, e tempo é dedicado para conhecer e aprender.

No cotidiano, pode-se ver apenas um chapéu como a maioria ou parar por algum tempo e contemplar o que está diante de si e contemplar. Quiçá perceber que pode ser “um elefante dentro de uma serpente”. Para finalizar ou recomeçar, vale lembrar o que disse Aristóteles sobre a excelência: “*Nós somos aquilo que fazemos repetidamente. Excelência, então, não é um modo de agir, mas um hábito*”.